

18.4.1969

DISCURSO PROFERIDO NO ACTO DE CON-
CESSÃO DO GRAU DE DOUTOR *HONORIS*
CAUSA, PELA UNIVERSIDADE DE LOU-
RENÇO MARQUES, AO PRESIDENTE DO
CONSELHO, PROF. DOUTOR MARCELLO
CAETANO

.....
.....

1 — Significado da cerimónia

Reune-se, hoje, em sessão pública, por nós expressamente convocado, o claustro universitário. Reune-se, nesta Sala Grande, a fim de que toda a nossa Academia, *spiritu et corpore*, participe num acto de imenso e transcendente significado: a concessão do grau Doutor *Honoris Causa* a MARCELLO CAETANO: a concessão do primeiro grau de Doutor pela Universidade de Lourenço Marques.

Deixámos fluir livremente o pensamento na procura de um cerimonial simples e jubiloso, que atendesse a Tradição, mas não se mantivesse em quadros de arte que só se compreendem nos meios em que nasceram.

Com filial carinho pegámos nas essências, tratando de as fundir, em respeito e amor, com o mundo real que nos rodeia, a linguagem que falamos, a significação que pretendemos.

Neste acto original, a Universidade de Lourenço Marques homenageia um professor eminente, um teorizador insigne do Direito, um estudioso profundo do Ultramar, um paladino inesquecível da fortaleza universitária; e homenageia, também, no estadista e homem público que preside ao Governo da Nação, a própria Nação, a que todos nos orgulhamos de pertencer.

Pelo Homem e pela riqueza de conteúdo que define esta cerimónia, podemos dizer, com razão e sem vaidade: vive-se um alto momento da história, quando Marcello Caetano abre o livro dos doutores pela Universidade de Lourenço Marques.

Nada mais significativo poderíamos fazer do que ir ao seu encontro, conduzi-lo para o nosso seio e entregar-lhe a Universidade.

Chegados aqui — em nome de todos, eu vos saúdo, MARCELLO CAETANO, nosso primeiro Doutor!

2 — Significado do grau de doutor

Ser Doutor é ter atingido o mais elevado grau na nossa Academia. Para os que porfiadamente seguem a carreira docente ou de investigação criadora, tal grau, atribuído pela única entidade com foro para tanto, mostra-se como atestado público de Mérito e Saber.

E a Universidade, ao concedê-lo, julga a inteligência, a capacidade de iniciativa e de imaginação; avalia o trabalho, o estudo, o conhecimento.

Como assaz bem disse Marcello Caetano, «os doutores devem ser a flor da Universidade». A flor que em si bebeu a seiva do passado, constitui garantia do presente e imprime a forma do futuro.

Mas não vai esta Universidade praticar acto de justiça imanente para quem já conquistou as lúreas doutorais pela nobre Universidade de Lisboa e soube erguer-se no alto desempenho e na defesa corajosa dos valores universitários. Há muito que o inteiro mundo da Ciência lhe concedeu essas e outras distinções — testemunhos inequívocos da sabedoria, inteligência e carácter do doutorando.

O que singulariza o presente acto, e lhe dá grandeza imensa, é que Marcello Caetano abre nesta Universidade o infundável livro dos doutores e, ao abri-lo, é exemplo a seguir, medida a aspirar.

Enorme responsabilidade assume a Universidade neste dia, segura de que seleccionar os seus doutores é tarefa decisiva para o futuro.

3 — Estrutura e fins da Universidade

Para que exista Universidade é preciso haver HOMENS!

E se o corpo de doutores for aqui constituído à semelhança do primeiro, então, teremos Universidade. O que se impõe a todos nós, que ora avocamos maior responsabilidade, é saber lutar, com Dedicção, com Entusiasmo, com Dignidade, por uma Instituição que no mundo seja Nome, Força e Vida! É a nós que cabe a difícil tarefa de criar as condições em que possamos formar Homens autênticos, definir princípios certos e trabalhar, até ao esgotamento, pela materialização condigna desta obra — respondendo à maldade, à incompreensão e à inveja, com generosidade, nobreza e isenção.

Vem tendo esta Universidade tolhidos os movimentos, logo por haver de se comportar numa estrutura inadequada e obsoleta. A palavra inicial que ela proferiu em público foi a de solicitar a Reforma. Tempos universitários diferentes se marcam hoje pelo mundo, e já entre nós, felizmente, muitos pensam que a dolorosa experiência alheia nos inculca o imperativo de uma conduta necessariamente inovadora.

Que os conselheiros da estagnação e da inércia não continuem a fazer ouvir o seu pobre defetismo em face da exigente Realidade, e nos não digam que em vez de fazer com urgência, devemos aguardar com paciência.

Sempre na cobiça da perfeição a que se não chega, por ser inatingível, esquecem-se de que verdadeira orgânica universitária é a que for maleável e evolutiva, a acompanhar o progresso da Ciência, as aspirações das gentes, as necessidades do País.

Firmes, vigorosas, severas, têm de ser as traves-mestras da Universidade — o que às vezes se olvida: só podendo ser universitário quem do estudo fizer sacerdócio, quem do trabalho fizer missão, quem do amor pela Ciência e pela Verdade fizer juramento. Assim se ama a liberdade na plenitude da responsabilidade!

Universidade, símbolo da Independência do Pensamento, Casa onde só os melhores hão-de vencer, onde a Inteligência, enfim, tem de ser Mestra. Casa de vivo e generoso diálogo entre alunos e professores — todos, uns como outros, a estudar e a aprender, em doação total.

Universidade que se estende para além dos seus muros, a mourejar no campo e a trabalhar na fábrica, a abraçar a savana e a cidade, a sofrer na palhota e na enfermaria, a meditar na quietude dos laboratórios e bibliotecas, desvendando novos conhecimentos e descobrindo história.

Estudar, Investigar, Ensinar; *querer saber, saber, saber querer*: são tríades lusíadas, e, como tal, ecuménicas.

São divisa da Universidade que se obriga a satisfazer a inata aspiração humana e o espiritual afã de comunicar Cultura; a dominar prática e efectivamente a Ciência; a pesquisar a verdade na unidade do Saber, de modo a produzir e a educar melhor.

E, para assim ser, já todos começámos a sonhar. Qual de vós o não fez? Pois vale a pena.

... É a Universidade-Piloto, com orgânica a respirar progresso, com estatuto que a vitaliza e encaminha para o futuro...

... É a realidade material a erguer-se lá para as bandas da Polana, debruçada sobre a baía, nesta linda cidade que nos acolheu. Vêem-se

edifícios modernos e funcionais : laboratórios, anfiteatros, salas de aula, bibliotecas, ginásios, blocos de convívio. E, à entrada, no Pátio da Universidade, honram-se Homens que nossos amigos foram e a gratidão nos faz perpetuar. Entre eles, o Amigo de génio que entendeu fosse esta uma Universidade integral, e a quem nos não ligam laços da política, mas sim do mais profundo afecto — o DOUTOR SALAZAR...

...E, a inaugurar tudo quanto neste momento, em sonho, vislumbramos, orgulhoso da sua e nossa Escola, MARCELLO CAETANO, o nosso primeiro Doutor!...

4 — A Universidade e o País

São a Cultura e a Educação realidades indestrutíveis que atestam a eterna presença de um País. Por isso, a criação de Universidades no Ultramar foi facto de incomensurável transcendência histórica e marca decisiva de uma lídima e criadora ocupação. Por isso, construir uma verdadeira Universidade em Moçambique é obra que não admite dilação.

Vive o País o estado da Guerra total, em duas frentes : uma, em que o lançaram e pela qual rega de sangue a terra quente e bravia da África Portuguesa; outra, que a si próprio se impôs e entende reforçar, na demanda de uma ansiada vida melhor.

Ambas, estrénuas e árduas, em desafios, qual delas a mais espinhosa e difícil de manter. Ambas, a afligir todos os lares — o do pobre e o do rico. Ambas, a atormentar os Governantes e a dar cuidados austeros a todos os Portugueses.

Queremos vencer em tais frentes, mas só podemos ganhar uma Paz verdadeira, desde que clara e limpidamente identifiquemos Pensamento e Acção, sem engano ou dúvida, de forma a arrastar connosco o idealismo da Juventude. O que só poderá acontecer se a nossa bandeira for a de Igualdade e Liberdade, tão-só condicionadas pelo Mérito e por um profundo e justo sentido de Responsabilidade Nacional.

Façamos da dor e do sofrimento do Povo, que somos, o suporte inquebrantável do lugar que, por direito, cabe ao Português no inteiro Mundo. Saibamos, com a nossa coragem, abrir caminho pelo mato inóspito, tal como soubemos sulcar as ondas do grande mar Oceano e construir monumentos imorredoiros de progresso moral e social.

No serviço da Humanidade, ninguém iguala o português, pois que «nunca trouxe desertos na alma» e «ninguém, depois de Cristo, espalhou mais amor no Mundo do que Portugal».

Continuemos a espalhar amor, enraizando-o em trabalho e sacrifício, todo ele tendente a permitir a todos os Portugueses uma vida de dignidade plena.

A Universidade soube corresponder sempre, com arreigado sentimento nacional, às exigências do País, não podendo faltar-lhe nesta hora única da sua História. O Ultramar é opção entre sobreviver com glória e desaparecer sem grandeza.

Todos os Portugueses devem participar nas tarefas ciclópicas que quase nos esmagam, sendo a Universidade o lar ideal onde se podem congregiar vontades, sem prejuízo de afirmações individuais, e esquecer divergências, sem abdicação de ideais políticos ou religiosos. O poderoso elo que une os servidores da Universidade é o Bem Comum.

5 — Universidade em Moçambique

Pela sua Juventude, pela sua irrequieta e construtiva insatisfação, pela ânsia de realizar, pelo desejo de servir, proporciona esta Universidade o campo próprio à conjugação de esforços na construção de um futuro de prosperidades, a demonstrar que, no dizer de António Enes, «AINDA SOMOS PORTUGUESES».

Integrada na *Alma Mater* portuguesa, que desejaríamos ver institucionalizada, absorve esta Universidade o meio onde germina e a que, servindo, sublima.

Para poder cumprir o seu dever não lhe deve ser de modo nenhum imposto um conceito de igualdade, sem concorrência criadora, mas, muito ao contrário, deixar-lhe que autònomamente obedeça ao conceito de equivalência, sem perda de portugalidade ou de universalidade — que aliás vão no mundo assimiladas.

Nos seus programas de acção impõe-se corresponder à maravilhosa amálgama de etnias que povoam Moçambique — às suas riquezas potenciais e posição geográfica e política, onde confluem civilizações.

Por vocação e dever histórico, no vértice de toda a nossa acção, mais não se encontra do que uma atitude generosamente lusíada.

É que Moçambique é a dobragem do Cabo e a certeza da chegada à Índia; é o imenso balcão deitado para o Índico — estrada da Ásia, da Malásia, da Oceânia; é o centro da rosa-dos-ventos de todos os povos e todas as culturas — ponto onde convergem o ocidental e o exótico; é, enfim, a larga faixa terráquea, em cuja proximidade situou CAMÕES o paraíso dos heróis — a Ilha dos Amores.

Embora todas estas realidades constituam património da Universidade Portuguesa, o facto é que têm sua sede natural na Universidade de Lourenço Marques, que por elas se levanta como o lugar de uma acendrada posição camoneana.

Na obediência a um contexto assim, de tão profundo significado nacional, é que, a pedido unânime do Senado, se declarou Protector da Universidade de Lourenço Marques, Sua Excelência o Presidente da República, Almirante AMÉRICO DE DEUS RODRIGUES TOMÁS, e foi, há pouco, proclamado seu Doutor *Honoris Causa*, o Presidente do Conselho de Ministros, Professor Doutor MARCELLO CAETANO.

6 — Mérito do doutorando

Raros são os juristas criadores de direito. Marcello Caetano figura, sem dúvida ou favor, entre os gigantes nacionais da criação jurídica.

Mesmo um não especialista que sobre a sua obra se debruce terá de quedar atónito perante a sua dilatada riqueza intelectual.

É a tenacidade, servida por uma inteligência profunda e penetrante, a ser capaz de elevar o direito administrativo desde as simples regras à dignidade de uma Ciência, e a concretizar esse magnífico trabalho no precioso «Manual de Direito Administrativo». Revela Marcello Caetano uma extraordinária segurança, quando toma nas suas mãos matéria tão vasta e solta, e lhe confere os moldes de verdadeiro ordenamento científico; quando transforma, no seu próprio dizer, o direito administrativo, «ciência esotérica, na estreita dependência de literatura estrangeira»... «em matéria de fácil acesso»; quando, enfim, a publica e imprime, libertando-se de eterna cogitação e inconcluso debate. E tanto assim é, que o seu manual se levanta como a obra jurídica nacional de mais ampla consulta; a autoridade onde até o homem comum vai haurir a salvaguarda dos seus direitos individuais contra a avassaladora ingerência dos poderes públicos. É que, para Marcello Caetano, a limitação do Estado pela moral e pelo direito, não é fórmula vazia de conteúdo, e antes representa a garantia e a esperança da autonomia das liberdades individuais, contra os possíveis abusos do executivo político.

E, com a tenacidade, é a versatilidade, insatisfação e polivalência de um espírito de eleição, a explicar que o encontremos surpreendentemente actualizado e norteador, ministrando e escrevendo lições de

história do direito e direito penal, em extremo valiosas, quer sob o ponto de vista pedagógico, quer sob o doutrinário.

É a visão poderosa, que o levou a invadir os domínios da investigação histórica e a legar-nos monografias, onde a originalidade vai de par com a perfeita seriedade da investigação, e onde a beleza literária revela o artista que existe implícito em todo o verdadeiro criador.

É o espírito reformador do Mestre, a estruturar o Ensino e a Investigação relativos ao Ultramar Português, e a renovar os estudos da ciência política e direito constitucional e da administração ultramarina.

Se, com tudo isto, referirmos uma árdua e profícua docência, interrompida a espaços por não menos absorventes funções políticas, teremos patenteado os sinais inequívocos de qualidades de trabalho pouco menos que sobre-humanas. E aqui se repete a invariável demiúrgica da sua personalidade que, onde toca, cria.

Em toda esta actividade docente e científica que deixamos tópicamente assinalada, se notam algumas preocupações principais que são uma constante do seu pensamento: o entendimento cultural com o homem comum; o respeito, salvaguarda e garantia dos direitos dos indivíduos e dos grupos primários, nesta era de publicização e socialização do direito privado; a procura do equilíbrio entre a liberdade possível e a autoridade conveniente; o desejo de parturejar uma escola viva e actuante, formada pela totalidade dos seus ex-discípulos e de que ele próprio é o primeiro devoto, para não dizer o primeiro aluno, na medida em que o contacto humano entre quem ensina e quem aprende é ainda a melhor fonte de renovação do saber.

Todos os conceitos explanados ressaltam das afirmações programáticas do Primeiro-Ministro, em seus discursos e conversas familiares, quando, a todo o passo, fala em «reforma» e em «progresso».

7 — Simbolismo do acto de doutoramento

Pela dignidade do ensino e fulgor da obra científica — que o notabilizaram no mundo do SABER; pelo fecundo pensamento e criadora acção que o conduziram às mais altas funções governativas, Marcello Caetano é inestimável expoente da Cultura Portuguesa.

Tem méritos indiscutíveis que deram jus a que o Senado, em voto unânime, lhe conferisse o grau de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Lourenço Marques

Em nome do claustro académico, cumprimos por isso a suprema honra de entregar a Marcello Caetano a carta de Doutor por esta Universidade, o anel que o vinculará à nossa Família e o livro do estudo que honrou com inexcédível dedicação.

Entendemos que o livro apropriado seria a bíblia da Nação Portuguesa — os LUSÍADAS.

Livro do ontem, do hoje e do amanhã, tesouro das nossas glórias, símbolo da alma da Pátria, oferecemo-lo ao Primeiro Ministro Marcello Caetano, na certeza de que será a fonte inesgotável do bom conselho que inspirará, em cada instante, a sua acção para o futuro de Portugal!

Senhor Governador-Geral de Moçambique :

Saudamos Vossa Excelência com fraterna amizade e a gratidão que advém do precioso auxílio que sempre deu, e, estamos certos, continuará a prestar a esta Universidade.

Neste dia de júbilo para toda a Província, Vossa Excelência orgulhar-se-á como nós de que a Universidade de Lourenço Marques conte, entre os seus, com tão ilustre Doutor.

Senhor Secretário de Estado da Informação :

Regozijamo-nos por receber nesta casa a personalidade tão afectuosa e comunicativa que tem sobre os seus ombros a missão de dar a conhecer ao Mundo o verdadeiro Portugal.

Senhor Ministro do Ultramar :

Desde os primeiros passos desta Universidade que Vossa Excelência nos tem acompanhado como Ministro e como Amigo, concedendo-nos a ajuda indispensável. O sonho de há anos é já, em parte, realidade de hoje!

A Universidade agradece-lhe, reconhecida, todo o seu valioso contributo!

Senhor Presidente do Conselho ;

Senhor Doutor Marcello Caetano :

Que Deus o ajude e ilumine para honra e glória de Portugal!